

BORGES, LEITOR DO QUIXOTE

João Alexandre Barbosa

*Comecei a escrever quando tinha seis ou sete anos. Tentei imitar escritores clássicos espanhóis – Miguel de Cervantes, por exemplo. (...) Minha primeira história foi uma obra sem sentido à maneira de Cervantes, um romance à moda antiga, chamado La visera fatal. (Jorge Luis Borges, "Um ensaio autobiográfico", *Elogio da sombra. Um ensaio autobiográfico*, editora Globo).*

Até onde pude averiguar, entretanto, a primeira manifestação pública de leitura de Cervantes por Borges está num artigo, "Ejercicio de análisis", do livro *El tamaño de mi esperanza* (ainda inédito em português).

Na verdade, é um pequeno texto de leitura de dois versos de um soneto composto por um dos muitos personagens que surgem por entre as diversas histórias paralelas com que o escritor ia semeando o percurso das andanças de Dom Quixote e de Sancho.

Procedimento semelhante de leitura é o que está no segundo texto de Borges. Refiro-me ao ensaio "Indagación de la palabra", do livro *El idioma de los argentinos* (também inédito no Brasil). Partindo de uma indagação de ordem gramatical, de imediato é proposto o tema de suas reflexões: *Mediante qué proceso psicológico entendemos una oración?* Diz Borges: *Séase esta frase conocida y de claridad no dudosa: "En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme,..."*

Segue-se, então, a análise atomizada de cada um dos vocábulos, com a diferença



Borges nos anos cinquenta

de que agora não se perde jamais de vista o contexto de que são provenientes.

Mas aqui neste texto não se vai além da tentativa de responder à indagação originária. É como se Borges afinasse os seus instrumentos de análise para futuros concertos mais ambiciosos. Assim, a indicação de que, ainda que seja de uma única oração, entra em jogo todo um complexo processo de percepção da totalidade, estabelecendo-se, deste modo, uma tensa relação com a particularidade. E esta tensão não se dá apenas em termos espaciais, isto é, no modo de organização especificamente gramatical dos termos da

oração, mas temporais, de tal maneira que a compreensão termina por solicitar o envolvimento, num só ato de leitura, de cronologias diversas de uma única organização psicológica pela qual se perfila o leitor.

Como não ver aqui, em germe, aquela *refutação do tempo* que vai atingir o seu zênite precisamente ao retomar o livro de Cervantes pela reescritura de Pierre Ménard?

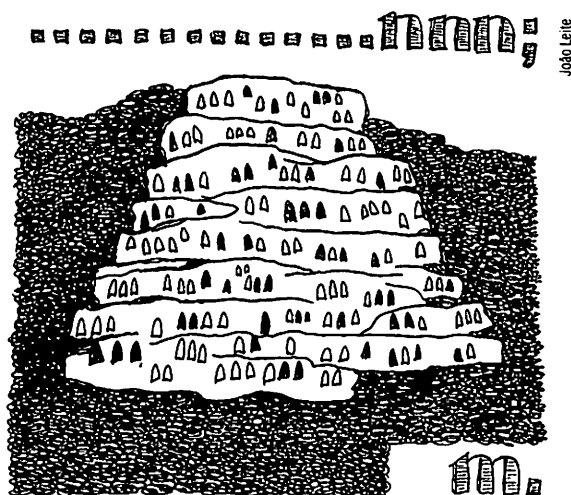
Mas antes de criar o famoso texto dos anos 30 e 40, ele ainda se aproximaria do *Quixote* através de um outro ensaio dos anos 20 e agora decididamente enfrentando a construção poética da narrativa cervantina.

Trata-se do artigo "La conducta novelística de Cervantes", incluído também no livro *El idioma de los argentinos*. O que chama de *conducta novelística de Cervantes* é o método, por ele utilizado, para provocar no leitor *una reacción compasiva o hasta enojada frente a las indignidades sin fin que injurian al héroe*.

Para chegar a isso, entretanto, ainda seria preciso passar por seguidas reflexões acerca do próprio processo de leitura envolvido na e pela matéria que faz do sonho um princípio fundamental da realidade. Uma leitura que não apenas decifra, mas recifra, escrevendo, a obra que se lê.

E o momento culminante dessa passagem é representado pelo quarto texto das relações explícitas entre Borges e Cer-

O clássico de Cervantes ocupa lugar central na obra de Borges e aparece em diversos artigos dos anos 20, culminando em "Pierre Menard, autor do *Quixote*", que estabelece um intervalo entre o ensaio e a narrativa que transforma o ato da leitura em elemento indissociável da escritura e das *ficciones* borgianas



antes: "Pierre Menard, autor do *Quixote*", que está em *Ficções* (incluído no volume I das *Obras completas* de Borges pela editora Globo).

À diferença dos outros três textos considerados, com uma distância de mais de dez anos, este quarto texto não é sobre Cervantes, nem a utilização exemplar do texto cervantino. Mais ainda: não é um artigo de crítica como os demais. Como tuá-lo? Creio que a melhor maneira é começar por sua origem, e ela está descrita pelo próprio Borges em página de "Um ensaio autobiográfico", em que, depois de falar o sério acidente doméstico que lhe freu, acrescenta:

Quando comecei a me recuperar, temi por minha integridade mental. Um pouco depois, perguntava-me a mim mesmo se poderia escrever de novo. Havia antes escrito alguns temas e dúzias de pequenas resenhas. Pensei e se tentasse escrever agora uma resenha e falhasse, falharia intelectualmente por completo, mas se tentasse alguma coisa que eu nunca tivesse feito antes e falhasse não seria tão ruim e poderia até mesmo me preparar para a relação final. Decidi que tentaria escrever um conto. O resultado foi "Pierre Menard, autor do Quixote".

E acrescenta: *Pierre Menard, como seu cursor "A aproximação a Almotásim", era da uma construção intermediária entre o ensaio e a verdadeira narrativa.*

É quase a definição daquilo que será a técnica inventada por Menard.

livro com o qual assumiu a sua singularidade na literatura do século.

Na verdade, por mais que tenha se aproximado do que chama de "verdadeira narrativa" em textos anteriores ou posteriores ao "Pierre Menard", a brecha, ou o intervalo, entre o ensaio e a narrativa, possibilitando, entre outras coisas, fazer da leitura um elemento indissociável da própria operação de escritura, é o traço aglutinador de suas *ficciones*.

Sendo assim, já o primeiro parágrafo do texto borgiano é revelador:

A obra visível que deixou este romancista é de fácil e breve enumeração.

Mais (ou menos) do que um romancista, o personagem, precisamente pela leitura da "obra visível", onde não consta um único texto sequer de ficção narrativa, é antes um autor de *ficciones* nos termos com que o narrador enaltece a sua contribuição final:

Menard (talvez sem querê-lo) enriqueceu, mediante uma técnica nova, a arte fixa e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas.

Situado entre o ensaio e a verdadeira narrativa, o "Pierre Menard" encontrava no *Quixote* o correlato mais adequado para se exercer no intervalo dos dois. O *Quixote* começa a ser visto como suma de uma poética em que a ficcionalização da realidade inclui a da leitura, sobretudo aquela que se opera pela utilização da técnica inventada por Menard.

Aspectos particulares dessa suma em que, para Borges, vai se constituindo o *Quixote* serão retomados e especificados por ele no texto "Magias parciais do *Quixote*", publicado no volume *Outras inquisições* (volume II das *Obras completas* de Borges pela Globo).

Na verdade, partindo da afirmação de que "o *Quixote* é realista", o texto borgiano busca, em primeiro lugar, acentuar a distinção entre o realismo que ali se contém e aquele outro praticado pela tradição realista do século XIX.

O cerne do ensaio de Borges está em pensar o modo pelo qual foi Cervantes capaz de encontrar uma estratégia narrativa que possibilitasse a figuração do maravilhoso, do sobrenatural, sem provocar uma fissura no arcabouço realista do *Quixote*. Ou, como ele mesmo diz: *Cervantes não podia recorrer a talismãs nem a sortilégios, mas insinuou o sobrenatural de modo sutil e, por isso mesmo, mais eficaz.*

Aspectos dessa estratégia é o que chama de "magias parciais do *Quixote*". E a matriz dessas magias está em que, como assinala Borges, *Cervantes compraz-se em confundir o objetivo e o subjetivo, o mundo do leitor e o mundo do livro.*

Esta confusão prazerosa para o autor manifesta-se quer em episódios explícitos, como aquele que compõe o capítulo XXI, da primeira parte, *que trata de la alta aventura y rica ganancia de yelmo de mambrino*, quer em trechos mais sutis, como



Ilustração de Gustavo Doré
para Dom Quixote

aquele que está no sexto capítulo, também da primeira parte, em que a *Galatea*, de Cervantes, é julgada pelo barbeiro durante o escrutínio que realiza, com o cura, da biblioteca do engenhoso fidalgo. *O barbeiro, sonho de Cervantes, ou forma de um sonho de Cervantes, julga Cervantes...*

Mas é na segunda parte do *Quixote* que Borges vai encontrar a culminância dessa estratégia cervantina: *os protagonistas leram a primeira [parte], os protagonistas do Quixote são, também, leitores do Quixote.*

Confundidos “o mundo do leitor e o mundo do livro”, a estratégia narrativa de Cervantes tem a capacidade de transformar Borges, seu leitor, em seu autor, sem os riscos da tautologia que, com ou sem o seu consentimento, corria o personagem Menard, traduzindo uma poética da leitura, como queria Rodríguez Monegal, em poética *tout court*.

Por outro lado, encontrava Borges o caminho pelo qual podia melhor embasar a sua crítica às leituras paródicas do *Quixote*, na medida em que, sendo leitores explícitos de si mesmos, os personagens cervantinos põem no mesmo nível ficcional as novelas de cavalaria com que, sem dúvida, dialogam, e a novela de que são protagonistas. Mais ainda: em “La conducta novelística de Cervantes”, Borges anotava como uma das conseqüências das leituras paródicas o fato de que terminariam por negar à obra *una permanencia larga en el tiempo*, desde que, é de se

concluir, limitariam a sua leitura à decifração de paralelos com a tradição da novela em que a obra se inseria.

A detecção de uma outra estratégia narrativa, qualificando de realista a obra para terminar afirmando o que há de maravilhoso e de sobrenatural em todo o processo de ficcionalização, permite pensar na novela como um aspecto de sutil e engenhoso mecanismo de refutação e, portanto, capaz de ter *una permanencia larga en el tiempo*.

Borges ainda voltará, com variações, a este tema de suas meditações sobre o *Quixote* numa conferência, pronunciada em inglês, na Universidade do Texas, em Austin, em 1968, e que foi republicada recentemente pelo *Diario de Poesía* de Buenos Aires.

Antes desta conferência, entretanto, foi possível marcar a presença de Cervantes na obra de Borges pela leitura de dois textos publicados em *O fazedor*, livro de 1960 (volume II das *Obras completas*): “Um problema” e “Parábola de Cervantes e de Quixote”.

Entre estes textos dos anos 60 e os poemas, dos anos 70, em que evoca a presença de Cervantes e do *Quixote*, situa-se a conferência mencionada, na qual Borges retoma, às vezes amplia, e com frequência melhor esclarece, alguns pontos que foram sendo disseminados em textos anteriores sobre o *Quixote*.

De certo modo, trata-se de acrescentar algumas outras “magias parciais” ao ensaio de *Outras inquisições*. Assim, logo

de início, retoma aquilo que lhe parece um traço muito especial da *conducta narrativa de Cervantes*, isto é, fazer com que, sentindo a solidão do personagem, o leitor seja induzido a uma reação de compaixão para com ele e que Borges, nesta conferência, qualifica como de amizade.

Sin embargo, siempre hay placer; siempre hay una suerte de felicidad cuando se habla de un amigo. Y creo que todos podemos considerar a Don Quijote como un amigo.

E esta amizade, dirá em seguida, está alicerçada no fato de que Cervantes foi capaz de criar um personagem com o qual o leitor se identifica de tal modo que mesmo que se saiba menos dele do que de outros personagens famosos da literatura, ele é melhor conhecido. Diz Borges:

Y tal vez, después de leer Ulises, conocemos cientos de cosas, cientos de hechos, cientos de circunstancias acerca de Stephen Dedalus y de Leopold Bloom. Pero no los conocemos como a Don Quijote, de quien sabemos mucho menos.

E é de tal maneira intenso o modo pelo qual se sente a realidade do personagem, do qual Cervantes não se interessou em explorar sequer a psicologia que pudesse sugerir as razões de sua loucura (*meramente nos dice que se volvió loco. Y nosotros le creemos*), que as aventuras do cavaleiro são vistas por Borges, num lance de grande beleza e finura crítica, como *meros adjetivos de Don Quijote*.

Finalmente, retoma, dando-lhe outros contornos originais, aquela *magia central de Outras inquisições: el hecho de que, tal como*



Miguel de Cervantes

gente habla todo el tiempo del teatro en amlet, la gente habla todo el tiempo de libros Don Quijote, criando-se, então, como era observado, aquela prazerosa "confusão tre o mundo do leitor e o mundo do ro". E Borges arremata:

Así que es como si Cervantes estuviera lo el tiempo entrando y saliendo fugazmente su propio libro y, por supuesto, debe haber frutado mucho su juego.

Estava preparado o caminho para que desse encerrar a sua conferência com na nota magistral de articulação entre eratura e felicidade:

Creo que los hombres seguirán pensando en m Quijote porque después de todo hay una cosa e no queremos olvidar: una cosa que nos da la de tanto en tanto, y que tal vez nos la quita, esa cosa es la felicidad. Y, apesar de los muchos ortunios de Don Quijote, el libro nos da como timiento final la felicidad. (...) Siempre pienso : una de las cosas felices que me han ocurrido en vida es haber conocido a Don Quijote.

Conhecimento que se completa com dois poemas de *O ouro dos tigres* (volume das *Obras completas*), com os quais ero encerrar este meu périplo pela obra Jorge Luis Borges. O primeiro é Miguel de Cervantes":

*Cruces estrellas y propicias estrellas
Presidieron la noche de mi génesis;
Debo a las últimas la cárcel
En que soné el Quijote*
("Cruéis estrelas e propícias estrelas/
esidiram a noite de minha gênese;/

Devo às últimas o cárcere/ Em que sonhei o *Quixote*.)

O segundo é "Sueña Alonso Quijano":

*El hombre se despierta de un incierto
Sueño de alfanjes y de campo llano*

Y se toca la barba con la mano

Y se pregunta se está herido o muerto.

No lo perseguirán los hechiceros

Que han jurado su mal bajo la luna?

Nada. Apenas el frío. Apenas una

Dolencia de sus años postrimeros.

El hidalgo fue un sueño de Cervantes

Y Don Quijote un sueño del hidalgo.

El doble sueño los confunde y algo

Está pasando que pasó mucho antes.

Quijano duerme y sueña. Una batalla:

Los mares de Lepanto y la metralla.

("Sonha Alonso Quijano": "Desperta aquele homem de um indistinto/ Sonho de alfanges e de campo chão,/ Toca de leve a barba com a mão/ Duvidando se está ferido ou extinto./ Não irão persegui-lo os feiticeiros/ Que juraram seu mal por sob a lua?/ Nada. O frio apenas. Apenas sua/ Amargura nos anos derradeiros./ Foi o fidalgo um sonho de Cervantes/ E Dom Quixote um sonho do fidalgo./ O duplo sonho os confunde e algo/ Está ocorrendo que ocorreu muito antes./ Quijano dorme e sonha. Uma batalha:/ Os mares de Lepanto e a metralha.")

Este texto reproduz parcialmente aquele que foi apresentado no evento "Borges - Cem Anos", realizado na USP em maio/99, e será publicado integralmente nos anais do evento.

Confundidos
"o mundo do leitor
e o mundo do
livro", a estratégia
narrativa de
Cervantes tem
a capacidade
de transformar
Borges, seu leitor,
em seu autor



João Alexandre Barbosa é um dos maiores críticos literários do país, autor do recém-lançado *Entre livros* (Ateliê Editorial) e de *A metáfora crítica, As ilusões da modernidade* (Perspectiva), *A imitação da forma, Opus 60* (Livraria Duas Cidades) e *A leitura do intervalo* (Iluminuras). Professor titular de teoria literária e literatura comparada, foi diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, presidente da Edusp e Pró-reitor de Cultura da mesma universidade. João Alexandre assina mensalmente esta seção da CULT, cujo nome foi inspirado no título de um de seus livros, *A biblioteca imaginária* (Ateliê Editorial).